

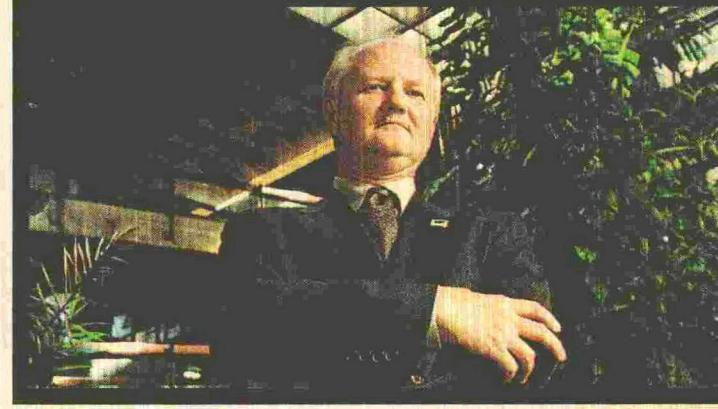
# MISSÃO TERRA PROMETIDA

Da Redação

**D**iretor de Pasadena, Califórnia (EUA) para Brasília (DF). Com uma breve escala no Piauí. No estado nortista, o contato com as primeiras imagens da nova capital. Terra prometida como o futuro do Brasil. Assim sonhavam as famílias piauienses ansiosas em morar no centro do país. Sonhos ouvidos com atenção por um filho de missionários norte-americanos que, com apenas 2 anos de idade, seguiu os pais rumo ao desafio de catequizar o mundo.

Depois de dez anos no Piauí, o cientista Timothy Mulholland, hoje com 52 anos, à época com 12, teve o primeiro contato com a tal terra prometida. Corria o ano de 1962. No passeio com os pais pela cidade, o pré-adolescente de bochechas sardentas admirou as obras na Esplanada e liberou a imaginação diante dos prédios em construção. Foram poucos dias de visita. Suficientes para fazer Mulholland jamais esquecer o céu limpo da cidade.

Três anos depois da primeira visita, a família mudou para a capital. Enquanto isso, Timothy voltava aos EUA para terminar os estudos e fazer pós-graduação em Psicologia. Breve desencontro. Antes mesmo de apresentar a tese de doutorado na Universidade de Pittsburgh, Pensilvânia (EUA), ele organizou um *tour* pelas universidades brasileiras em busca de



MULHOLLAND, O VICE-REITOR: BRASILEIRO POR OPÇÃO, BRASILIENSE ASSUMIDO

casou-se com uma funcionária da UnB. Os filhos nasceram e estudaram aqui. A filha segue o caminho do pai, a Psicologia, e o filho optou pela Engenharia Ambiental.

Nos últimos quatro anos e meio, Mulholland tem se dedicado à administração da UnB. Como vice-reitor recém reeleito, ele quer uma universidade com a "cara de Brasília". Para tanto, investe seu tempo elaborando o projeto de expansão do campus para Planaltina, Gama, Taguatinga e Ceilândia. Nessa busca, ele acredita ser necessário retomar a autonomia da uni-

versidade. "Não podemos depender do governo federal. Universidade não é repartição pública", defende. O tom de voz calmo, porém firme, tira do sério os que se opõem às idéias de independência, muitas vezes entendidas como uma privatização branca da instituição.

Ser professor lhe rendeu momentos marcantes. Como a invasão dos militares à UnB, em 1977. "Fiquei impressionado. Naquele momento, passei a entender o Brasil de uma outra forma", reflete. Outro momento de tensão foi a última greve. Em meio a paralisa-

ção, estudantes, funcionários e professores invadiram o prédio da reitoria para reivindicar apoio. O nervosismo diante da situação inédita fez o vice-reitor rever a posição sobre o papel de mediador. Aprendizado e maturidade que ele espera também ter passado àqueles que, durante a campanha para a reitoria, no ano passado, chegaram a questionar a candidatura de um estrangeiro. Com o rosto vermelho de raiva, limitou-se a responder: "Sou brasileiro por opção, brasiliense assumido e amante dessa universidade."

**O CALIFORNIANO TIMOTHY MULHOLLAND ENCONTROU O ELDORADO QUE OUVIRA DIZER QUANDO CRIANÇA. HOJE, ELE DEDICA SUA VIDA À UnB**

uma vaga para trabalhar.

Não deu outra. Foi atraído por uma Universidade de Brasília (UnB) ainda no começo. Ou melhor, na adolescência. Depois de 17 anos de criação, o jovem centro formador passava por uma das fases mais críticas de sua história. Em meio às restrições impostas pelo regime militar, os professores da Psicologia tentavam estruturar uma pós-graduação que fosse referência no país. Mulholland chegou como aliado.

O convite para trabalhar na UnB é lembrado até hoje como uma das maiores alegrias do cientista — conceituado especialista no estudo da percepção, raciocínio e linguagem humana. Além da admiração pela ousadia dos pesquisadores e alunos da UnB, ele se empolgou com a chance de ficar longe dos céus nublados da Pensilvânia. Os períodos secos da capital não chegaram a incomodar. No horizonte próximo, extensas áreas verdes, parques e jardins, seus recantos preferidos.

"Percebi que Brasília era a melhor cidade do mundo para criar meus filhos e trabalhar: as duas realizações mais importantes da vida de um homem", resume o pesquisador, que três anos depois de chegar à cidade